



O HOMEM COMO PESSOA E SER DE RELAÇÃO

Alessandro Tavares Alves*

José Luiz Izidoro**

RESUMO

Este é um assunto de fundamental importância para a filosofia enquanto tal, pois envolve temáticas que lhe são inerentes, como, por exemplo, a metafísica, transcendência, o próprio conhecimento que é um dos fatores que o constitui enquanto *si próprio*. A antropologia filosófica se presta a analisar a situação do homem como um ser de transcendência, ser de relação, e isso o caracteriza como pessoa. E, pelo fato de ser pessoa, distingue-o ainda mais dos outros seres da natureza, pois ele é o único capaz de superar pela razão a si mesmo, interrogar-se e conhecer-se como um ser que pensa. Isso o caracteriza enquanto *ser de abertura*, imerso numa teia de relações.

Palavras chave: Homem. Pessoa. Transcendência. Relação. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem o objetivo de pensar sobre o ser humano, na sua pessoa e que o singulariza como um ser de relação. O ser humano é um ser de conhecimento, fato apontado desde a filosofia aristotélica, e isso o diferencia também, e mais ainda sua capacidade de transcender, de ir além de si mesmo, superar-se, e ir além do dado puramente material.

O trabalho se desenvolverá em três pontos: o primeiro abordará a questão do que faz com que o homem seja ele mesmo e não outra coisa, o que o torna um ser particular na natureza. O segundo desenvolverá o tema da transcendência, que é de fundamental importância. O terceiro ponto apresentará a questão da categoria de pessoa.

O conhecimento é uma das fundamentais categorias de análise que permite observar o que seja a pessoa e a sua incidência sobre a compreensão do humano. Para

* Graduado em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: alessandrotavares03@hotmail.com

** Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: jeso_nuap@hotmail.com

esse efeito, cabe a pergunta: o que faz do homem ser pessoa? Essa interrogação norteia todo o texto e ainda sugere questionar: por que apenas ele é compreendido assim?

Portanto, o texto será concluído no intuito de dar essa resposta pelo conhecimento dessa categoria do homem que é a pessoa, que possibilita pensá-lo como ser de relação. Nesse aspecto, o conhecimento é imprescindível para a consolidação do pensamento.

2 O HOMEM POR SI MESMO: A SUA SINGULARIZAÇÃO

Um dos dilemas perenes do ser humano é justamente definir aquilo que o distingue total e exclusivamente dos demais seres da natureza, no momento da história em que a definição aristotélica de 'animal racional' já não é mais suficiente, tendo em vista que seres, mesmo que de forma bastante arraigada no instinto, fazem uso dessa faculdade.

A capacidade racional por si mesma do homem não o torna um ser ímpar na natureza, mas o que torna essa realidade possível é a intensidade do uso dessa capacidade e suas consequências. O uso simples do 'pensar' torna-se insuficiente para uma definição do homem.

Georg Friedrich Wilhelm Hegel (1770-1831) evidencia que tipo de pensar define aquilo que é próprio do ser humano, somando-se ao ato racional a consciência humana.

Pois é isto o que pensar significa: ser objeto para si não como eu abstrato, mas como eu que tem ao mesmo tempo o sentido de ser- em- si, ou seja: relacionar-se com essência objetiva de modo que ela tenha a significação do ser-para-si da consciência para a qual ela é (HEGEL, 2011, p. 152).

Essa definição erigida por Hegel torna clarividente de que maneira a atitude racional, o ato mesmo de exercer a racionalidade, individualiza o homem entre os demais seres da natureza. Nesse relacionamento da consciência com aquilo que é dado, o homem se singulariza e descobre-se cada vez mais sujeito de si, um ser autônomo.

Com efeito, seguindo essa linha de raciocínio, podem-se enumerar os efeitos do pensar humano que o definem, como a autorreflexão, adaptação, capacidade de efetivação de sua abstração. Dentre todas essas possibilidades, é oportuno citar a capacidade de criar e utilizar os símbolos como um modo autenticamente humano de se expressar, seja pela fala, escrita ou a estética de uma obra de arte, em que se manifesta a sua maneira de perceber e, com isso, conhecer a realidade e expressá-la das diversas maneiras.

A partir daí, pode-se inferir que o homem é um ser sempre pronto a dizer algo, a se expressar das mais distintas formas. Nesse contexto, faz-se oportuno perceber que

sem dificuldades, no mundo humano encontramos uma característica nova que parece constituir a marca distintiva da vida do homem. Seu círculo funcional não só será ampliado quantitativamente como também terá sofrido uma mudança avaliativa. O homem, como afirmamos, descobriu um novo método para adaptar-se a seu ambiente. Entre o sistema receptor e o emissor, que se encontra em todas as espécies animais, estamos como que no intermédio de algo podemos assinalar como sistema “simbólico”. Esta nova aquisição transforma a totalidade da vida humana (CASSIRER, 1992, p. 47).

As explicações de Hegel e Cassirer, nas citações anteriores, respectivamente, denotam a possibilidade de singularizar o homem entre os demais seres, dando-lhe aquilo que possui de mais próprio e mais seu, que é a racionalidade.

É possível conhecer o homem naquilo que ele tem de mais singular? Essa indagação move a antropologia filosófica que se dedica à compreensão do homem e de suas produções, enquanto efetivação de seu pensamento. Nesse sentido, é possível aprofundar mais ainda nesse itinerário em busca de uma compreensão mais palpável e abordar o homem como pessoa.

3 O CONCEITO DE TRANSCENDÊNCIA: O HOMEM COMO *SER-PARA*

A caracterização do homem como pessoa não é um mero adjetivo que surgiu para restringir o pensamento, mas, sim, é fruto da construção de um conhecimento sobre o ser humano que foi acontecendo ao longo da história. As reflexões acerca dessa categoria do homem são marcas da antropologia filosófica que pensou o ser humano em todas as suas dimensões.

É impossível o surgimento desse conceito sem intuir que o homem é tema de estudo desde muito tempo, desde o início da filosofia grega até os dias atuais. Assim, houve o envolvimento de conteúdos da antropologia, para que fosse plausível se referir ao homem como esse ser particular tão arraigado na metafísica do próprio humano.

Rompe-se com isso uma visão marxista do homem, enquanto mero ser biológico, apenas como um ser material, não possuindo transcendência. Nesse aspecto, afirma Gouliane

A antropologia filosófica marxista baseia-se [...] na antropologia enquanto ciência particular. Seja qual for o mérito que atribuamos à criação espiritual, esta não constitui um fenômeno autônomo sem liames com a sociedade e a natureza. A própria personalidade é um fenômeno complexo que têm raízes no terreno biológico (GOULIANE, 1069, p.67).

Esse pensamento da antropologia marxista carrega em si grande parte da ideologia predominante naquele momento da história em que o homem era visto apenas como um produto de leis da natureza, um constructo que eminentemente tendia a um fim e com ele as suas produções enquanto tal.

Com efeito, deve-se notar que, de forma paradoxal a esse tipo de argumentação, o homem supera os demais seres pela linguagem, pelo pensamento, pela consciência, e, com efeito, pelo conhecimento. E ainda é necessário pensar uma categoria, a transcendência, que ultrapasse em larga escala essa visão pragmática do homem e ainda auxilie na compreensão do conceito da pessoa, que se relaciona de forma direta com o conceito de transcendência.

O homem possui, diferentemente dos outros seres vivos, a capacidade de autotranscendência, e o que isso significa?

“A autotranscendência, como ficou dito, é o movimento com que o homem ultrapassa sistematicamente a si mesmo, tudo o que é, tudo o que adquiriu, tudo o que pensa, quer e realiza”. (MONDIN, 1980, p. 257).

Essa definição vai ao âmago da categoria de pessoa no que se refere à singularização do homem. Dessa forma, somando à definição de Mondin, Lima Vaz (1921- 2002) define o termo transcendência.

O termo transcendência pretende designar aqui a forma de uma relação entre o sujeito situado enquanto pensado no movimento de sua auto-afirmação - ou da construção dialética da resposta à interrogação sobre o seu próprio ser- e uma realidade da qual ele se distingue ou que está para além (trans) da realidade que lhe é imediatamente acessível, mas com a qual necessariamente se relaciona ou que deve ser compreendida no discurso com o qual ele elabora uma expressão inteligível do seu ser (VAZ, 1992, p. 93).

E, ao estabelecer essa dupla relação com o mundo (coisas) e consigo mesmo, ou seja, a relação entre o ôntico e o ontológico, o homem percebe-se a si mesmo, e dessa maneira se sobrepõe ao plano ôntico e avança para além dele, na busca fundamental do conhecimento próprio.

Nesse aspecto, o homem é para a transcendência e dessa forma se afirma como ser; e assim, o homem se descobre um ser-para; descobre o horizonte ilimitado em que se percebe aberto à totalidade daquilo que o supera.

Essa posição tornou-se válida, mas ainda mais confirmada e necessária, pois afirmar essa categoria de transcendência está vinculando o pensar ao campo metafísico, admitindo ainda a experiência como fator crucial para a configuração do homem como um ser de abertura, ou seja, um ser-para, contribuindo, assim, para a antropologia filosófica.

Com efeito, não há nenhuma possibilidade de se pensar qualquer experiência humana sem que a contingência e o efêmero acontecer da experiência não sejam atravessados pelas questões propriamente transcendentais [...]. A relação de transcendência é, pois, um constitutivo fundamental do ser-para do homem e é como tal que deve ser tematizada filosoficamente ou formulada como categoria antropológica (VAZ, 1992, p.112).

Lima Vaz explica com clareza como essa categoria de transcendência é inerente ao homem e o caracteriza enquanto tal; essa categoria é indispensável para a compreensão da categoria de pessoa.

Ao inferir o conceito de pessoa, é preciso pensar na dimensão transcendental, revelando o homem como um *ser-para*, ou seja, é a relação que delimita e caracteriza o homem enquanto ser para o mundo; ser para os outros; ser para o absoluto e ser para si mesmo. Nessa dialética indispensável da realidade humana, o homem se descobre como pessoa.

Recorda-se que “toda a atividade humana supõe a passagem por um valor transcendente” (JOLIF, 1970, p. 65). Sendo assim, a relação que o ser humano estabelece carrega, mesmo que implicitamente, uma relação para além de si mesmo; na própria ação concreta, já se delineiam traços daquilo que está para além do alcance da estrutura sensível do homem. Nessa perspectiva, contribui o autor:

Em definitivo, a transcendência não é mais que o “Porquê do porquê” tornando possível o “Por que?” pelo qual se define a filosofia. Alcançar a plena consciência do ato do pensamento é igualmente determinar a natureza da transcendência, isto é, compreender “por que existe para o homem o porquê que engloba toda a vida empírica” (JOLIF, 1970, p.77).

O fato de o homem ser o único capaz de interrogar o mundo e a si mesmo é um fator preponderante no que se refere à transcendência, pois, ao interrogar sobre algo, ao

demonstrar-se curioso, já exprime sua limitação, o desejo de conhecer; torna-se sinal visível de que sempre existe algo para além dele, e que sua razão não encerra tudo em si mesma.

A possibilidade de transcender revela o homem ao mundo e a si mesmo, tornando-o maior conhecedor de seu espaço e cada vez mais cômico de sua pequenez; mas essa finitude expressa pela pequenez em questão impulsiona o homem, pela transcendência, a superar o ôntico e a atingir o ontológico, que diz de si enquanto um ser que é.

E a capacidade de superar o mundo das coisas e de superar-se não existe em detrimento da experiência concreta, efetivada na contingência, mas, sim, a partir dela, no conflito do próprio existir. O homem, transcendendo, consegue pensar o mundo como sendo um objeto de análise e constrói sobre ele conhecimento. Dado que sua análise é ampla, ele supera o mundo por essa capacidade de transcendência.

Com efeito, as estruturas apresentadas até aqui, como, por exemplo, o pensar e a transcendência, são determinantes para pensar o ser humano por ele mesmo, posto que, com tais estruturas em evidência, e que são propriamente humanas, é possível distinguir-se entre os demais seres da natureza. Nesse sentido, não obstante o apresentado sobre a transcendência, o reconhecimento do homem como pessoa é o ponto culminante na perspectiva da antropologia filosófica.

4 O HOMEM COMO PESSOA

A abordagem sobre a pessoa possui um vasto conteúdo e um complexo emaranhado de argumentações que lhe são próprias. Não é o objetivo aqui discorrer historicamente sobre tal conceito de pessoa, mas apresentá-lo enquanto um qualificativo que singulariza o homem.

Não obstante essas considerações, faz-se necessário recordar que a origem do termo pessoa é de caráter teológico, precisamente cristão, na tentativa de solucionar a questão referente à trindade, evidenciando assim que, mesmo com todo vigor filosófico aplicado a ele, o termo não é oriundo de seu meio.

O cristianismo criou uma nova dimensão do homem: a da pessoa humana. Tal noção era tão estranha ao racionalismo clássico, que os padres gregos não eram capazes de achar na filosofia grega as categorias e as palavras para exprimir essa nova realidade. O pensamento helênico não estava em condições de conceber que o infinito e o universal pudessem exprimir-se em uma Pessoa (GARAUDY, 1963, *apud*, MONDIN, 1980, p.285).

O desenvolvimento histórico desse conceito não se esgota, mas é preciso, à luz da filosofia, pensar propriamente o conceito sem desconsiderar a construção que o levou a ganhar as dimensões consideradas. Em um primeiro instante, é necessário ter sempre presente à memória todo o exposto sobre a transcendência, pois é imprescindível para entender o conceito de pessoa.

A grande indagação “O que é o homem?” reveste-se ainda de outra pergunta: “Por que o homem é pessoa?”. Compreender o que significa dizer que o homem é pessoa, e ainda somente ele é chamado assim, tornará possível postular com sólidos argumentos que o homem é um ser ímpar na história, superando, assim, as meras divagações.

Nesse sentido, afirmar que o homem é pessoa, dizendo, de antemão, que é uma substância individual, não é uma explicação plausível, pois todos os seres, ou seja, cada ser é sim uma substância na sua singularidade; mas, ao homem, cabem outros atributos conceituais como, por exemplo, transcendência e relação, racional, ser de conhecimento, que não concernem à explicação de outros seres na natureza.

Para Mondin,

o homem é pessoa porque é dotado de um modo de ser que supera nitidamente o modo de ser das plantas e dos animais e isso foi evidenciado amplamente tanto na parte fenomenológica, examinando as várias dimensões do homem, como na parte metafísica, estudando a sua estrutura ontológica (MONDIN, 1980, p.296).

Destaca-se, assim, aquilo que o homem possui de peculiar, colocando em relevo sua autonomia enquanto ser, entendendo assim que o homem é capaz de transcender-se. E isso, nesse momento, acaba sendo uma consequência de tudo o afirmado até agora. O homem é reconhecido como aquele capaz de transcender à espacialidade na qual está imerso, ressaltando sua subjetividade, demonstrando a pessoa como aquilo que é mais inteligível entre todas as coisas.

E essa inteligibilidade, que lhe é inerente a nível fenomenológico, distingue-se das coisas pela capacidade de comunicar-se. A partir dessas significativas considerações, pode-se definir a “pessoa como um indivíduo dotado de autonomia quanto ao ser, de autoconsciência, de comunicação e de autotranscendência” (MONDIN, 1980, p. 297).

Essa definição é o ponto fulcral no estudo sobre a pessoa humana, pois, ao precisar estes quatro elementos, que são: indivíduo autônomo, autoconsciente, comunicador e autotranscendente, classifica o homem como um ser de abertura. Não obstante a sua autonomia e a sua singularidade ontológica, ou sua força individual, ele

mantém uma abertura que se expressa também no campo gnosiológico, motivo que justifica sua grande capacidade de comunicação com as coisas, e é devido a tal abertura que o ser humano se autotranscende.

A pessoa é a forma mais adequada em que o sujeito diz de si mesmo. Ao afirmar-se assim, ele não comete nenhum excesso, pois é a partir daí que o entende como o sujeito adequado para receber a atribuição do entrelaçamento da inteligência e da liberdade, ou seja, sua capacidade de pensar e conhecer, e também da sua característica de ser-para, no seu caráter relacional.

Com efeito, o homem é um ser em situação, já que sempre está imerso no tempo e no espaço. Nesse aspecto, fica evidente a experiência, e essa se constitui face ao mundo, manifesta o homem, como um ser em constante diálogo. Ele se abre ao mundo como um lugar dotado de significações que o envolve e influencia:

Neste sentido, o homem não renuncia a observar a si mesmo e aos outros, e a utilizar essas observações para seu desenvolvimento. O homem, submetido às análises da ciência descobre-se indivíduo “que pode ser considerado um sinal manifestativo que anuncia a presença da pessoa na exterioridade do mundo e da história” (VAZ, 1992, p.215).

E, segundo esse raciocínio, Lima Vaz ainda afirma que,

Nesse sentido, o homem é o artífice ou o artista de si mesmo e sua primeira obra de arte que, para a imensa maioria é única- aquela cuja feitura se prolonga para cada um ao longo de toda a vida – é a sua própria existência como homem. O homem, portanto, não existe como dado, mas como expressão (VAZ, 1992, p. 217).

Lima Vaz, ao abordar essa temática, compreende que o homem, enquanto pessoa, entra em diálogo consigo mesmo, conhecendo-se e dessa forma se construindo. Ao afirmar que ele existe como expressão, privilegia a dinâmica do existir humano, em contraponto à inércia do mundo ôntico.

Assim, o conceito de pessoa só poderá ser efetivo se for levada em conta a sua contingência, sua possibilidade de *vir-a-ser*, fato próprio da existência humana em todas as suas dimensões. Adotando esse critério como pressuposto, torna-se fácil a compreensão de que é preciso compreender o sujeito para compreender a pessoa e, não menos, é preciso da pessoa para bem compreender o sujeito. Assim, o termo pessoa passa a ser entendido como a essência do homem:

Compreender filosoficamente o homem como pessoa significa, pois, tematizar essa identidade mediatizada pelo sujeito consigo mesmo e mostrá-la como termo e princípio de inteligibilidade do movimento de auto-expressão- que é, igualmente, movimento de autoconstituição- pelo qual o homem assume a tarefa fundamental que o define como homem, qual seja a de ser, sendo expressão de si mesmo (VAZ, 1992, p.218).

Assumindo a linha hegeliana de análise, que possui pressupostos metafísicos e dialéticos, Lima Vaz apresenta sua forma de compreender o homem como pessoa à luz da filosofia, resguardando toda a autonomia que é própria do homem. Nesse aspecto, abre-se ao homem, se entendido como pessoa, a janela da horizontalidade que se configura na abertura natural do ser humano, ou seja, a transcendência.

E é justamente esse horizonte que deve ser salvaguardado ao fazer um estudo sobre o ser humano, pois ele se liga à sua dimensão transcendente, que, por sua vez, aplica-se à categoria de pessoa. Corre-se o risco desse horizonte ser diluído na contemporaneidade, em que o pragmatismo insiste em existir em detrimento da metafísica. Segundo essa linha de raciocínio, ocorreria um reducionismo na maneira de compreender o homem.

Segundo Lima Vaz, isso já ocorre desde toda a modernidade,

É permitido pensar que o progressivo aumento do conteúdo metafísico da noção de pessoa na filosofia moderna, sobrevivendo em seu lugar os enfoques psicológico, sociológico, político ou fenomenológico, deva-se a essa sua ineliminável origem teológica, que mostra o substrato semântico do conceito, ao ser interpretado metafisicamente, rico daquelas interrogações e problemas que a filosofia moderna julga que devam ser banidos do território sob sua jurisdição (VAZ, 1992, p.190).

E, não obstante essa afirmação, o autor ainda diz que

a pessoa, cujos traços se desvanecem no horizonte da pós-modernidade, só poderia tê-los reconstituídos se, diante do homem do terceiro milênio, o campo dessa tensão voltar a ser um campo de experiências vitalmente decisivos para o existir histórico (VAZ, 1992, p.223).

Estão expostas a opinião de Lima Vaz e a de outros pensadores elencados no texto sobre a categoria de pessoa e sua incidência na concepção do que seja o homem nos tempos de hoje. Com efeito, a filosofia vaziana colabora para libertar o homem de uma visão unilateral do mundo e de si mesmo e propicia observá-lo como ser-no-mundo, que se relaciona com tudo aquilo que está nele, significando o mundo e sendo significado por ele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é pessoa, com efeito, sua horizontalidade é infinita, mesmo se o pensamento contemporâneo vir contrariamente a essa linha de raciocínio e que afirma essa categoria do ser humano. Sua dimensão transcendente é inerente ao seu ser pessoa. Dessa forma, o homem se vê e vê o mundo, singularizando-se pela sua condição de um ser de possibilidades, e de lançar-se à frente de suas questões corriqueiras, que, como ser-no-mundo, as vive quotidianamente.

O fato de o homem se entender como ser de relação justifica o fato de ser pessoa, e apenas o ser humano é pessoa pela simples razão de conhecer e se questionar e questionar o mundo, o homem não apenas sabe, mas sabe que sabe e faz uso do que sabe para dar significado ao mundo. Nesse ínterim a gnosiologia é profundamente necessária, pois permite compreender que o homem é um ser que significa o mundo e é significado por ele.

No entanto, isso justifica a categoria de *pessoa* ser utilizada apenas para o ser humano, devido à peculiaridade de características que só ele possui e que o difere dos demais seres da natureza. Somada a isso, está sua capacidade de pensar, que mais ainda o favorece como ser transcendente e, com efeito, pessoa humana.

THE MAN AS A PERSON AND BEING IN RELATIONSHIPS

ABSTRACT

The man as a person and being in relationships is a topic of fundamental importance for philosophy as such, because it involves issues that are inherent to him, such as metaphysics, transcendence, the own knowledge that is a factor that constitutes the man himself. The philosophical anthropology lends to analyze the situation of man as a being of transcendence, being in relationships and this characterizes him as a person. And, by being the person further distinguishes from other beings of nature, for the human being is the only one capable of overcoming himself by the reason, to question and to know himself as a thinking being. This characterizes him as a being open, which is immersed in a web of relationships.

Key-words: man; person; transcendence; relationship, knowledge.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. Introducción a una filosofía de la cultura. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

Gouliane, C.L. **A problemática do homem**: ensaio de uma antropologia filosófica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JOLIF, V. Y. **Compreender o homem**: introdução a uma antropologia filosófica. São Paulo: Herder, 1970.

MONDIN, Batista. **O homem, que é ele?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.